

Título:

Vir bonus peritissimus aeque.

Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo

Edição de:

Maria Cristina Pimentel
Paulo Farmhouse Alberto

Revisão: Ana Matafome, Ricardo Nobre e Rui Carlos Fonseca

Publicado por:

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa – Portugal
Tel.: (351) 217 920 005
Fax: (351) 217 920 080
E-mail: centro.classicos@fl.ul.pt
Website: <http://www.fl.ul.pt/cec>

Paginação e impressão:

Grifos – Artes Gráficas, Lda.

Capa: Paulo Pereira

Foto de capa: José Furtado

Número de exemplares: 500

Lisboa | 2013

ISBN: 978-972-9376-29-0

Depósito Legal: 366077/13

Vir bonus peritissimus aeque.

**Estudos de homenagem
a
Arnaldo do Espírito Santo**

**Maria Cristina Pimentel
Paulo Farmhouse Alberto
(eds.)**

Centro de Estudos Clássicos

LISBOA
2013

pareceres dos qualificadores²⁰. E, apesar da verificação de que “em todos estes autos, se não prova legitimamente contra o Réu, fazer ele, ou dizer coisa alguma formalmente herética, ou judaica”, aponta-se a necessidade de justificar o comportamento da Inquisição perante a opinião pública e, sobretudo, perante a Companhia de Jesus. Por isso se considera conveniente acrescentar às proposições de carácter profético, objecto da acusação inicial e matéria fundamental do processo, as que foram censuradas nos quatro sermões referidos, “para mais justificar o procedimento da Inquisição neste negócio, e dilatada reclusão do Réu, tão falados no Reino, [e] ter-se quando menos, na sua Religião, notícia da importância e peso dele”²¹.

As proposições censuradas nos sermões são, pois, apenas mais um dos diversos elementos carreados para o processo a fim de reforçar a demonstração da culpabilidade de Vieira e, por conseguinte, da justiça das medidas punitivas decretadas pela Inquisição.

Mas este réu, que “em momento algum confessa culpa alguma, nem concede qualquer espécie de autoridade ao razoado inquisitorial”²², vai prosseguir, depois de recuperada a liberdade de agir e de falar, na atitude que foi afinal a sua ao longo do processo: a atitude do lutador que não desiste de defender e demonstrar a sua razão.

A publicação dos seus *Sermões*, sem renunciar às suas ideias nem restringir o desenrolar esplendoroso dos seus processos retóricos, “é de facto mais uma arma de Vieira na apologia e defesa da sua imagem contra a mancha inquisitorial”²³.

²⁰ “E que, no tocante a se haverem ou não, de proibir os dois livros de Sermões apensos, ou riscarem-se-lhe as proposições, que lhe estão censuradas, visto não concordarem os qualificadores na censura de algumas delas, se deviam encomendar a outros mais” (*Autos*, p. 444). Note-se que a divergência de opiniões entre os qualificadores de livros era assaz frequente.

²¹ *Autos*, p. 442.

²² ADMA MUHANA, in *Autos*, Introdução, p. 21.

²³ M. VIEIRA MENDES, *A oratória barroca de Vieira*, p. 318.

“As leis da boa e verdadeira retórica”¹

ISABEL ALMEIDA
Universidade de Lisboa
isalima@fl.ul.pt

“A língua é instrumento da alma”². De tão simples, a forma desta frase mais intensifica a ligação entre dois nomes: língua, alma. Nomes muito diferentes, que Vieira se compraz em relacionar com a fulgurante brevidade que, ao pedir “grande reparo”³, deixa margem para uma pergunta infinita: quantos prodígios cabem num único gesto discursivo?

Não é apenas no processo de recepção que as palavras seguem ínvios caminhos – tão ínvios como as voltas de um ouvido. Desde logo, misterioso se revela o acto de dizer, porque indissociável de uma arte que dele é, ao mesmo tempo, motivo de força e qualidade temida. Temida como ameaça ao que sempre constitui o impacto supremo do discurso: o efeito de inteira verdade ou de autêntica imediatez.

Que Vieira adoptasse, enquanto pregador, várias e criteriosas atitudes sobre essa arte, mostra que a retórica valeu, a seus olhos, como um problema: um problema agudo, que requeria agudas soluções.

*

No ensaio intitulado “Pregador e ouvintes nos *Sermões* de Vieira”, Maria Lucília Pires observou o carácter “contraditório”⁴ da crítica tecida, acerca do estilo, no Ser-

¹ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, “Sermão da Segunda Dominga da Quaresma”, *Sermões*. T. III, Prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves, Porto, Lello & Irmão, 1959, p. 45.

² Idem, “Sermão da Exaltação da Santa Cruz”, *Sermões*. T. VIII, p. 258.

³ Idem, “Sermão de S. Roque”, *Sermões*. T. VIII, p. 121.

⁴ MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES, “Pregador e ouvintes nos *Sermões* de Vieira”, in *Xadrez de Palavras. Estudos de Literatura Barroca*, Lisboa, Cosmos, 1996, p. 94.

mão da Sexagésima (o sermão que, ao editar a obra parenética, o autor escolheu como “prólogo dos demais”⁵):

Não fez Deus o Céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de ùa parte está Branco, de outra há-de estar Negro; se de ùa está Dia, da outra há-de estar Noite; se de ùa parte dizem Luz, da outra hão-de dizer Sombra; se de ùa parte dizem Deceu, da outra hão-de dizer Subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário?⁶

À maneira de Cícero⁷, Vieira condena o artifício óbvio, a afectação das meticulosas geometrias lexicais, a violência exercida sobre as palavras; indigna-se por vê-las torturadas como mártires num sacrifício inglório ou reduzidas ao papel de vítimas numa guerra estéril. Mas ao denunciar essa guerra e ao recriminar quem a cultivava, não só compõe, também ele, um xadrez verbal, como promove, à primeira vista raiando o paradoxo (advertiu ainda Maria Lucília Pires), “a codificação de uma estética da naturalidade”⁸.

Não se trata, nunca, de aliviar a eliminação de fenómenos retóricos; trata-se, antes, de considerar que a sua manifestação necessita ser cuidada, numa hábil harmonia, pois daí depende a eficácia e a “influência” do discurso⁹: “Como hão-de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assi há-de ser o estilo da pregação, muito distinto, e muito claro.”¹⁰

Se, ao retirar directa ou indirectamente inspiração da doutrina do pseudo-Longino, cujo *Tratado do Sublime* teve entre os jesuitas alguns dos seus mais enérgicos divulgadores¹¹, Vieira afirma que o discurso há-de parecer natural, é porque, ciente do peso da retórica, sabe que o artifício gera, se não desconfiança, ao menos ruído e divertimento. Por isso insiste e distingue – há que parecer “caso”, há que não parecer mero “lavor”¹². Importaria, porém, manter viva a atenção sobre a aparência: pregando

⁵ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Sermões*. Fixação do texto e aparato crítico: Arnaldo do Espírito Santo, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Ana Paula Banza, Lisboa, CEFi - Centro de Estudos de Filosofia / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, p. 6.

⁶ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Sermões*. Fixação do texto e aparato crítico: Arnaldo do Espírito Santo, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Ana Paula Banza, p. 41.

⁷ V. ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO, “A retórica do elogio”, *eHumanista*, 2012, pp. 190-210.

⁸ MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES, “Pregador e ouvintes nos *Sermões* de Vieira”, p. 94.

⁹ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Sermões*. Fixação do texto e aparato crítico: Arnaldo do Espírito Santo, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Ana Paula Banza, p. 41.

¹⁰ Idem, *Sermões*. Fixação do texto e aparato crítico: Arnaldo do Espírito Santo, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Ana Paula Banza, p. 41.

¹¹ MARC FUMAROLI, “Rhétorique d’École et Rhétorique Adulte: La Réception Européenne du Traité du Sublime au XVIe et au XVIIe Siècle”, in *Héros et Orateurs. Rhétorique et dramaturgie cornéliennes*, Genève, Librairie Droz, 1996, pp. 377-398.

¹² PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Sermões*. Fixação do texto e aparato crítico: Arnaldo do Espírito Santo, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Ana Paula Banza, p. 40 e p. 41.

para “ouvintes de ver”¹³, Vieira, devedor da lição de Quintiliano¹⁴, tinha nítida consciência de que lhe cumpria conquistar esse público exigente, e que para o conseguir lhe era forçoso oferecer em espectáculo o cruzamento ou a fusão da perícia e do engenho.

Ganham assim relevo as noções de cálculo, máscara, decoro, que enchem de complexidade o trabalho oratório, pleno de cores e dobras. Vieira assume este jogo, estimulado pela cultura barroca de que era parte: uma cultura seduzida pelas relações (concebidas, não raro, como *coincidentiae oppositorum*) entre natura e arte, verdade e mentira, realidade e fingimento, discrição e exuberância. Um jogo tanto mais fino – será lícito acrescentar¹⁵ – quanto estimulado pelas duplicidades da própria cultura jesuíta, que obrigava os seus membros, em face da ordem hierárquica da instituição, ao apagamento, *ac cadaver*, da vontade pessoal, mas animava cada soldado da “milícia volante” ao desejo de desempenhos heróicos e à demanda de triunfo.

*

Ponto assente: ninguém escapa à retórica. No que concerne a *elocutio* (e neste campo nos fixaremos), para tudo existe uma figura, até para o que se julgaria erro, falha, imperfeição. Se digo (num abuso semântico) “a perna da cadeira”, faço uma catacrese; repito a mesma palavra no princípio e no fim de um período? Componho uma epanadiplose. Esqueço-me de um elemento, atropelo a sintaxe? Engendro um zeugma. Interrompo uma palavra, espalho reticências? Eis uma aposiopese. Não há como fugir do catálogo. Redundâncias ou ausências, saltos bruscos ou vagarosas conexões – para tudo há um nome, tudo está previsto, tudo existe num repertório, tudo pertence à arte de dizer. Lapidar, Montaigne concluiu, em “De la vanité des paroles”: “Oyez dire metonimie, metaphore, allegorie, et autres tels noms de la grammaire, semble-t-il pas qu’on signifie quelque forme de langage rare et pellegrin? Ce sont titres qui touchent le babil de vostre chambriere.”¹⁶

À mais acrobática ou à mais banal das frases, à mais aritectada ou à mais chã das argumentações poderá subjazer um especial cuidado construtivo: em qualquer das hipóteses, ainda as mais extremas, cabe a aplicação de uma técnica. Ou, por outro ângulo, de acordo com uma essencialíssima ambiguidade que se impôs, na época de Vieira, será pertinente captar, na mais difícil como na mais simples das expressões, o curso natural de uma veia fecunda. Com Baldesar Castiglione, a Europa culta do século XVI aprendera o significado do termo “sprezzatura” e estimara a arte de *parecer*

¹³ “Os ouvintes dos pregadores, uns têm ouvidos de ouvir, outros têm ouvidos de ver. Uns têm ouvidos de ouvir, porque vêm ouvir para ouvir – para ouvir aquela doutrina, para a tomar, para se aproveitar dela; outros têm ouvidos de ver, porque vêm ouvir, não para ouvir, senão para ver: para ver se falou o pregador com equívocos ao uso, ou com lhanza e gravidade apostólica; para ver se trouxe conceitos ou pensamentos novos, como se a verdade por antiga seja menos verdadeira ou menos venerável; para ver se tocou neste ou naquele, e mais nos maiores [...]” (“Sermão da Segunda Quarta-Feira da Quaresma”, *Sermões*. T. III, pp. 140-141).

¹⁴ V. ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO, “A retórica do elogio”, *eHumanista*, 2012, pp. 190-210.

¹⁵ V. MARGARIDA VIEIRA MENDES, *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 1989.

¹⁶ MICHEL DE MONTAIGNE, *Essais*. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet, Paris, La Pléiade, 1940, p. 300.

natural¹⁷; num quadro barroco prezou-se o génio que chegava a parecer arte – pela abundância, a prontidão, o brilho.

“Correr de água porque há declive” – aplaudiria Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*, referindo-se à prosa vieirina. O heterónimo pessoano confessava-se atraído pelo timbre clássico – “aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa”, “aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis”, “aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais” – e pela “grande certeza sinfónica” erguida em descrições como a do palácio de Salomão¹⁸. Nessas páginas do Sermão da Segunda Domingo da Quaresma, não custa achar um labor esmerado. Vieira, porém, não o explicita. E assim procede amiúde.

Fabricou um palácio real em Jerusalém, que depois do Templo que ele edificara, foi o segundo milagre: no monte Líbano traçou vários retiros e casas de prazer, em que demais de se ver junto todo o raro e curioso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, a espessura dos bosques, a caça e montaria de aves e feras, e até as sombras no Verão, e os Sóis no Inverno excediam com a arte a natureza [...].

Quando o discurso flui sem pausas meta-retóricas, parece organizar-se de modo a que o ouvinte ou o leitor se concentrem no que o pregador diz, não nos meios que emprega para dizer. Mas este é apenas o rosto da medalha, que tem seu reverso. Potencialmente, o pregador é um dissimulador, o que torna mais interessantes os desvios a este rumo comum.

*

Nos sermões de Vieira, a exploração das Escrituras inclui o reconhecimento de figuras retóricas. Nuns casos, faz-se sobressair uma dimensão conceptual, adoptando escalas diversas – episódios (v.g. a prisão de S. Pedro e o sono de Cristo em mar tempestuoso) ou um pormenor da história (v.g. a medida da espera até à ressurreição):

E se isto que vos digo vos parece só metáfora, voltemos a cena e o teatro e troquem-se as figuras: seja Cristo o que esteja nas cadeias e Pedro na tempestade¹⁹.

É verdade que a estas trinta e seis horas de tempo, sendo ametade menos meio por meio, usando o Senhor da figura sinédoque muito ordinária na Escritura, em que se toma a parte pelo todo, reduziu os três dias e três noites da sua sepultura a outros tantos, não inteiros e completos: e para quê? Para cumprir a verdade da sua promessa e acudir juntamente às saudades de sua Mãe e suas.²⁰

Noutros casos, o olhar incide em detalhes da letra bíblica:

¹⁷ BALDESAR CASTIGLIONE, *Il libro del cortegiano*. A cura di Walter Barberis, Torino, Giulio Einaudi, 1998.

¹⁸ FERNANDO PESSOA, *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho, Vol. I, Lisboa, Ática, 1982, pp. 16-17.

¹⁹ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, “Sermão das Cadeias de S. Pedro”, *Sermões*, T. VIII, p. 4.

²⁰ Idem, “Sermão na Madrugada da Ressurreição”, *Sermões*, T. V, pp. 121-122.

Nem deve passar sem advertência a repetição enfática com que o Texto sagrado depois de dizer *Assistebant coram Salomone*, acrescenta *patre ejus*. Parece desnecessária esta nova expressão, pois de toda a narração da história constava ser Salomão pai de Roboão. Mas foi nota e ponderação digníssima de se não dissimular, como de uma maior circunstância que notavelmente agrava o caso.²¹

Iluminar a ocorrência de tropos significa então, para Vieira, evidenciar a densidade do texto que é a matriz do seu próprio discurso; significa esclarecer eventuais opacidades, tomando o *ethos* autorizado do mestre douto, que além de definir (“Esta figura em que se toma a parte pelo todo, chama-se sinédoque, tão frequente nos autores sagrados como nos profanos”²²), explica, analisa, interpreta, acomoda. As “figuras” não são recenseadas como puros ornamentos, depressa catalogáveis como supérfluos; são, sim, avaliadas como formas de concentração de sentido. É essa qualidade – a adequação perfeita entre *res* e *verba* – que o Jesuíta visa surpreender:

E quem é aquele a quem a Virgem tinha desejado? Excelente perífrase de S. José!²³

Tal e tão maravilhosa é a paz que Cristo hoje deu aos Discípulos de sua escola, e esta é a ênfase daquele *vobis*.²⁴

Para a presença da retórica na Bíblia vinham chamando a atenção, em tom discreto, obras em voga, como as *Institvtiones In Lingvam Sanctam Hebraicam*, de Benedetto Blancuzio²⁵. Ao aplaudir a justeza atingida no texto da Escritura, Vieira acompanhava, pois, uma tendência iniludível em seu tempo, incentivada, aliás, pela antiga convicção, defendida por S. Jerónimo no intróito ao Liber Iob da *Vulgata*, de que também no Livro sagrado havia poesia²⁶; ao pôr em evidência sinédoques e metáforas como quem se move, ágil, nos meandros da narrativa, tirava proveito de uma tendência sustentada pelos mais ortodoxos, que só em clave figurada aceitavam a interpretação de passos reputados obscuros ou melindrosos.

*

Enquanto réu do Santo Ofício, Vieira ouviria, em 1667, duras admoestações e graves censuras por, em mais do que uma ocasião, ter esquecido essa clave e transgredido limites:

Foi-lhe dito, que tanto, que ele declarante, não expendeu, e explicou a dita autoridade de São Crisóstomo, por encarecimento, e hipérbole, como ordinariamente os Doutores expendem, e explicam, fica a dita proposição dele declarante, não só sendo

²¹ Idem, “Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma”, *Sermões*, T. III, p. 312.

²² Idem, “Sermão da Ressurreição de Cristo Senhor Nosso”, *Sermões*, T. V, p. 146.

²³ Idem, “Sermão do Gloriosíssimo Patriarca S. José”, *Sermões*, T. VI, p. 424.

²⁴ Idem, “Sermão da Segunda Oitava da Páscoa”, in *Sermões*, T. V, p. 284.

²⁵ *Institvtiones In Lingvam Sanctam Hebraicam*. Avthore Benedicto Blancucio Romano Sac. Theol. Et Philosophiae Doctore Ac In Almae Vrbs Gymnasio eiusdem Linguae Professore. Romae, apud Bartholomaeum Zannettum, 1608.

²⁶ *Biblia Sacra. Iuxta Vulgatam Versionem*, 4.ª ed., Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1994, pp. 731-732.

temerária, mas errônea. Temerária porque não tem fundamento de razão, nem de autoridade em que se funde. Errônea, porque é manifestamente falso, sem o uso da figura hipérbole, dizer, que nunca, ou quase nunca aconteceu, nem sói acontecer, que algum dos que governam se salve.²⁷

Nem antes do processo nem depois, porém, o Jesuíta se coibiria de praticar estas audácias. *Logos* e *pathos* conjugam-se, na sua obra, e essa aliança traz, além da exibição de entusiasmos e assombros (“Notável e extraordinária frase!”²⁸, “Só o mesmo Filho de Deus nos pôde ponderar o altíssimo e profundíssimo encarecimento deste estupendo equívoco.”²⁹), a disponibilidade para conceder o deleite que se associava à admiração e para focar, contra expectativas ou ao arrepio de padrões de decoro, o que o próprio Vieira rotula de atrevido ou perigoso:

Até aqui não houve equívoco, senão metáfora mui usada na Escritura, em que o dormir significa a morte, e o acordar a ressurreição [...]. E se a frase parecer menos autorizada e o equívoco menos grave para a harpa de David, como era dia de Ressurreição, tudo o galante e festivo cabia nela [...]. Pois o mesmo Cristo com toda a sua sinceridade e majestade usa daquele equívoco? Sim, e outra vez sim. Porque era o dia e a festa da sua ressurreição. Tudo naquele alegre dia foram equívocos.³⁰

No *ethos* do orador entra assim, sem reboço, o fascínio pela dificuldade e pela maravilha. Mais: entra a ousadia de quem ousa transgredir limites, seja porque Vieira contamina, com traços profanos, a oratória sacra (“Quem tirou o véu ao amor, esse lhe descobriu a cara, porque o mostrou desvelado. Não me estranheis o equívoco, que em manhã tão alegre e tão festiva até os Evangelistas o usaram, como logo vereis.”³¹), seja porque, lúcido, se abeira da heresia:

Suposto andarem tão validas no púlpito, e tão bem recebidas do auditório as metáforas, mais por satisfazer ao gosto alheio, que por seguir o génio e ditame próprio, determinei, na parte que me toca desta solenidade, servir ao Príncipe dos Apóstolos também com uma metáfora. Busquei-a primeiramente entre as pedras, por ser Pedro pedra, e ocorreu-me o diamante: busquei-a entre as árvores, e ofereceu-se-me o cedro: busquei-a entre as aves, e levou-me aos olhos a águia: busquei-a entre os animais terrestres, e pôs-se-me diante o leão: busquei-a entre os planetas, e todos me apontaram para o Sol: busquei-a entre os homens, e convidou-me Abraão: busquei-a entre os Anjos, e parei em Miguel.³²

Não é aqui oportuno pensar sobre o que neste “Sermão de S. Pedro”, impresso no tomo VII dos *Sermoens* (1692), permitiria insinuar encómios a D. Pedro, rei distante de quem Vieira tanto quis, por estes mesmos anos, aproximar-se. Certo é que contar a “busca” da metáfora ideal (aquela que, assevera o Jesuíta, seria capaz de alimentar um panegírico), recriando, num registo poético, a imensa busca de Deus narrada por Santo

²⁷ *Os Autos do Processo de Vieira na Inquisição. 1660-1668*, Edição, Transcrição, Glossário e Notas: Adma Muhana, 2.ª ed., São Paulo, EdUSP, 2008, p. 266.

²⁸ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, “Sermão da Ressurreição de Cristo Senhor Nosso”, *Sermões*, T. V, p. 137.

²⁹ Idem, “Sermão do Gloriosíssimo Patriarca S. José”, *Sermões*, T. VI, p. 426.

³⁰ Idem, “Sermão da Ressurreição de Cristo Senhor Nosso”, *Sermões*, T. V, pp. 137-138.

³¹ Idem, “Sermão da Ressurreição de Cristo Senhor Nosso”, *Sermões*, T. V, p. 133.

³² PADRE ANTÓNIO VIEIRA, “Sermão de São Pedro”, T. VII, p. 355.

Agostinho nas *Confessiones* (X, VI, 9³³), dá azo a que Vieira exponha os bastidores do seu trabalho e encareça a fartura dos meios de que nele dispõe. Impressiona, no texto, a quantidade, marcada nas extensas enumerações em que o pregador desvenda segredos da máquina metafórica (“No diamante agradou-me o forte, no cedro o incorruptível, na águia o sublime”...); impressiona a rapidez com a qual Vieira pretere uma via promissora e lhe sobrepõe outra que a suplanta, em novidade, excesso e risco:

Como se o mesmo Evangelho me reprendera de buscar fora dele o que só nele se podia achar, as mesmas palavras do tema me descobriram e ensinaram a mais própria, a mais alta, a mais elegante, e a mais nova metáfora que eu nem podia imaginar de S. Pedro. E qual é? Quase tenho medo de o dizer. Não é cousa alguma criada, senão o mesmo Autor e Criador de todas. Ou as grandezas de S. Pedro se não podem declarar por metáfora, como eu cuidava, ou se há, ou pode haver alguma metáfora de S. Pedro, é só Deus. Isto é o que hei-de pregar, e esta a nova e altíssima metáfora que hei-de prosseguir.³⁴

No magno teatro da oratória, Vieira dá largas ao complexo da maravilha de que falou João Mendes³⁵ e à exuberância performativa que Margarida Vieira Mendes³⁶ estudou. O desafio que persegue é o de tornar a retórica sua, tematizando-a como quem decide contrariar a fixidez de um arsenal:

E se algum crítico acaso tiver estranhado a palavra e o assunto, saiba que usar tal vez da mentira para persuadir a verdade, não só não encontra as leis da boa e verdadeira retórica, mas é um dos maiores primores da sua energia. Fala Séneca da hipérbole tão usada de todos os que falaram em cousas grandes e diz assim: *In hoc omnis hyperbole extenditur, ut ad verum mendacio veniat*. O fim por que a hipérbole se estende tanto fora dos mesmos limites do que pretende persuadir, é porque quer chegar à verdade por meio da mentira; mente, e diz mais do que a cousa é, para que se lhe venha a crer o que é: *Nunquam tantum sperat hyperbole, quantum audet*: não é tão mal entendida a hipérbole, que espere tanto do ouvinte, quanto ela se atreve a afirmar: *Sed incredibilia affirmat, ut ad credibilia perveniat*: mas afirma o que é increível, para que se lhe creia tudo o que se pode crer. Por este exemplo ficará entendido o fim e fundamento do meu discurso. O estilo que segui foi uma hipérbole às avessas. Há hipérbole por excesso, e hipérbole por diminuição: e ambas mentem para chegar à verdade: *Ut ad verum mendacio veniant*. A hipérbole por excesso diz o muito que se não pode crer, para que se creia o que é; e a hipérbole por diminuição diz o pouco que se pode dizer, para que se creia o que será.³⁷

Haveria “boa e verdadeira retórica” e, por antítese, má e falsa retórica? Se Vieira contempla esta destrinça, encarrega-se de a diluir. Acima de tudo, interessava-lhe im-

³³ V. SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, pp. 448-451.

³⁴ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, “Sermão de São Pedro”, T. VII, pp. 355-356.

³⁵ V. JOÃO MENDES, *Literatura Portuguesa II*, 2.ª ed., Lisboa, Verbo, 1982.

³⁶ V. MARGARIDA VIEIRA MENDES, *A Oratória Barroca de Vieira*, Lisboa, Caminho, 1989.

³⁷ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, “Sermão da Segunda Dominga da Quaresma”, *Sermões*, T. III, pp. 45-46. Corrigi, pela *editio princeps* (*Sermoens*, t. IV, 1685), os erros que afectam este passo na edição da Lello & Irmão. À Professora Maria Cristina Pimentel, fico grata pela informação que permitiu rever o texto.

por-se como pregador que não serve a retórica mas, superior a constrangimentos, se serve dela, mobilizando-a numa lídima estratégia de acção, *propter necessitatem et utilitatem*³⁸. Com estes princípios concedera S. Tomás de Aquino, na *Summa Theologiae* (I, q. 1, a. 9), pertinência ao uso de metáforas e imagens na Escritura; não será erróneo nem temerário afirmar que com razões idênticas respaldou Vieira a sua prática.

O fulgor da retórica não era dispensável na parenética seiscentista. Compreendemos melhor Vieira (e compreendemo-lo melhor em seu tempo) quando notamos quer a sobriedade com que refreia ou dissimula esse brilho quer a veemência com que lhe dá flagrante protagonismo.

³⁸ *Suma Teologica de Santo Tomás de Aquino*. [...] Traducción del R. P. Raimundo Suarez, [...], 3.ª ed., T. I, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1964, p. 277.

O Sermão do Padre António Vieira sobre Santo Agostinho (Lisboa, 1648), com um aceno a Daniel Faria

MÁRIO GARCIA, SJ
Faculdade de Filosofia de Braga da
Universidade Católica Portuguesa
mgarcia@braga.ucp.pt

Publicado na Terceira Parte (1683) da edição príncipe dos *Sermoens*, em quarto lugar, entre o Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma (Capela Real, 1651) e o Sermão da Primeira Dominga do Advento (Capela Real, 1650), o *Sermão de Santo Agostinho*, pregado na sua Igreja, e Convento de S. Vicente de Fora, em Lisboa, aparece datado de 1648.

Margarida Vieira Mendes¹, ao verificar que o P. António Vieira não se encontrava em Lisboa, em 1648, no dia da festa de Santo Agostinho (28 de Agosto, e não Setembro, como assinala), prefere datar o Sermão de 1649. Realmente, Vieira partira, a 13 de Agosto de 1647², para a sua terceira embaixada (a primeira foi a da vassalagem do Brasil a D. João IV; a segunda, à Holanda), desta vez, a Paris, onde será recebido por Ana de Áustria e Mazarino. “Era o principal intento entrar Portugal em liga com França”; porém, “como Argos de vigilantes olhos”, opôs-se à contrapartida de Mazarino que pretendia “promessa de entrega de praças”³. Regressou a 15 de Outubro de 1648, sem ter obtido qualquer apoio à causa da Restauração.

1649: um ano muito turbulento para o Jesuíta. Envolvido na causa da divisão, territorial e jurídica, que o Rei patrocinava, da Província Portuguesa da Companhia de Jesus, em duas Províncias autónomas; acusado à Inquisição; criando inimigos, dentro e fora da Companhia; no auge da crise que, só por impedimento expresso do Monarca, não levou à sua expulsão da Ordem; Vieira não deixou de exercer, com pertinácia, o ofício de Pregador Régio, para o qual tinha sido nomeado em 1644.

¹ MARGARIDA VIEIRA MENDES, *A oratória barroca de Vieira*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989, p. 552.

² SERAFIM LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo IX, Apêndice H: “Efemérides do P. António Vieira”, Rio de Janeiro, 1949, p. 403.

³ ANDRÉ DE BARROS, *Vida do Apostólico Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesus, chamado por antonomasia O Grande (...)*, pelo P. André de Barros da Companhia de Jesus. Lisboa, Na nova Officina Sylviana, M.D.CC.XLVI. *Com permissão dos Superiores, e Privilegio Real*, pp. 31-32.